

OLIVIA
CUNNING

ACESSO
AOS
BASTIDORES

SINNERS
ON
TOUR I

Tradução
JULIANA ROMEIRO

PA
RA
LE
IA

Copyright © 2010 by Olivia Cunning

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Backstage Pass (Sinners on Tour 1)

CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Otávio Corazzim e Cristiane Yagasaki / Tikinet

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cunning, Olivia

Acesso aos bastidores / Olivia Cunning ; tradução Juliana Romeiro. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2015.

Título original: Backstage Pass : Sinners on Tour 1
ISBN 978-85-65530-65-1

1. Ficção erótica 2. Ficção norte-americana I. Título.

15-01178

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

1

Uma pilha de panfletos da pasta de Myrna caiu no carpete florido. Logo agora! Na pressa de sair da sala de aula, tinha se esquecido de fechar o zíper. Com um suspiro exasperado, ela se abaixou para catar os papéis. Será que o dia poderia ficar ainda pior?

Do outro lado do saguão, perto dos elevadores, ouvia-se um coro de “vira, vira, vira” e uma gritaria animada. Pelo visto, alguém estava se divertindo aquela noite. Com certeza não era ela.

Myrna enfiou os panfletos na pasta, fechou o zíper e atravessou o saguão ostensivo do hotel a caminho de seu quarto, no sexto andar. Só precisava de um banho quente e demorado. Não tinha ideia de como caíra na conversa do chefe do departamento e aceitara participar daquela conferência idiota. Que perda de tempo. Os outros participantes não identificariam uma ideia inovadora nem que ela plantasse bananeira na frente deles e cantasse o hino nacional. E que importância tinha o que os outros achavam do método dela? Os alunos adoravam as aulas. Suas turmas estavam sempre lotadas. Tinham lista de espera e...

Myrna ouviu passos atrás de si. Sentiu os pelos da nuca arrepiarem. Parou... coração acelerado, palma das mãos úmidas.

A pessoa que a estava seguindo parou também. Podia ouvir sua respiração.

Jeremy?

Não. Não era seu ex-marido. Afinal, não tinha como achá-la. Não era? Mas o fio gelado de suor que escorria entre seus seios não sabia disso.

Apertou a alça da pasta e se preparou para esmurrar o idiota que se atrevia a espreitá-la.

“Excelente palestra, dra. Evans”, disse uma voz desconhecida às suas costas.

Não era Jeremy. Graças a Deus. Myrna respirou fundo, trêmula, e olhou por cima do ombro.

Um homem alto e magro de meia-idade estendia a mão para ela. “Quem pensaria em usar riffs de guitarra em uma discussão sobre psicologia? Eu não seria capaz. Quer dizer, concordo com o método. Só não sei se daria conta com o mesmo nível de... hum...” Ele limpou a garganta. “*Entusiasmo.*” Em seguida, sorriu, baixando os olhos para o decote do terninho justo cor de chumbo dela.

Com o coração ainda acelerado, Myrna reprimiu a vontade de voar em cima do estranho e apertou sua mão. “Obrigada, senhor...?”

“Na verdade é doutor”, respondeu ele, envolvendo a mão de Myrna na sua e abrindo um sorriso de orelha a orelha. “Dr. Frank Elroy, da Universidade de Stanford. Psicologia da anormalidade.”

Ah, o dr. Babaca. Dr. Grandessíssimo Babaca. Já fomos apresentados. Umás mil vezes.

Ela assentiu e forçou um sorriso. “Prazer em conhecê-lo, dr. Elroy.”

“Aceita beber alguma coisa?” Ele indicou o bar do hotel com a cabeça, acariciando a mão dela com o polegar.

Myrna sentiu um calafrio, mas manteve o sorriso. O cara era a antítese do seu tipo. Um chato. Não, obrigada. Sua aversão a gente chata tinha atingido picos viscerais. “Sinto muito, mas vou ter que recusar. Estava a caminho do meu quarto, para dormir direto até amanhã. Fica para a próxima.”

Elroy murchou feito um balão furado. “Claro. Sei bem como é. Você deve estar exausta depois daquela...” Ele sorriu mais uma vez. “Discussão acalorada.”

Discussão? Ele não tinha visto o que acontecera? “Banho de sangue” seria uma descrição mais adequada, e ela se sentia especialmente anêmica no momento.

“Pois é”, murmurou, estreitando os olhos. Então puxou a mão e virou-se para seguir em direção ao elevador, contornando o bar do hotel e uma fileira de vasos de plantas.

Uma rodada de risos escandalosos chamou sua atenção para o bar. Quatro homens estavam sentados, rindo de um quinto, deitado de costas sobre a mesa em meio a um monte de copos com diferentes quantidades de uma bebida cor de âmbar. Ele virou-se de lado, fazendo a mesa incli-

nar perigosamente sob seu peso, e os quatro correram para salvar suas cervejas.

“Alguém faça o teto parar de girar!”, gritou para o lustre Tiffany que iluminava a mesa.

“Suspende a cerveja, Brian”, disse um dos amigos.

Brian levantou um dedo. “Só mais uma.” E outro dedo: “Ou duas”. E mais um: “Talvez quatro”.

Myrna riu consigo mesma. Os cinco amigos destoavam dos participantes da conferência no bar e no saguão do hotel, em sua maioria professores universitários. Mas o grupo inusitado atraía mais olhares e animosidade do que merecia. Talvez por causa das tatuagens. Ou seriam os piercings e as pulseiras de tachinhas? Ou a roupa preta, o cabelo tingido e o corte estranho? Não importava. Era só um grupo de amigos se divertindo. E não sendo chatos, ela tinha certeza.

Deu um passo hesitante em direção ao elevador. Adoraria bater um papo com eles. E bem que precisava de um pouco de descontração... qualquer coisa que não uma conversa edificante com um intelectual. Já tinha o suficiente disso no trabalho.

Ainda deitado na mesa, Brian cantarolou um riff enquanto tocava uma guitarra invisível. Myrna reconheceu a sequência de notas de cara. Usava o solo em suas aulas sobre sensualidade masculina, porque ninguém no mundo tocava uma guitarra com tanta sensualidade quanto Mestre Sinclair. Espere aí! Será que...? Não, o que uma banda de rock como o Sinners estaria fazendo numa conferência acadêmica? Deviam ser apenas fãs, embora o nome Brian não lhe parecesse estranho. O guitarrista do Sinners não se chamava Brian Sinclair?

Um dos homens virou o rosto para coçar o queixo no ombro. Apesar dos óculos espelhados, Myrna reconheceu imediatamente o vocalista Sedric Lionheart. Seu coração acelerou alguns compassos. *Era* o Sinners.

“Estou tão mamado!”, exclamou Brian. Ele saiu da mesa e caiu no colo de dois amigos, derrubando vários copos vazios de cerveja. Os dois o deixaram se espatifar no chão sem qualquer cerimônia.

Myrna riu pelo nariz e olhou ao redor para ter certeza de que ninguém a vira fazer um barulho tão deselegante. *Tinha* que falar com eles. Poderia fingir que queria se apresentar por causa da palestra. Na verdade,

amava o som dos caras. E eles não eram de se jogar fora. A definição exata do seu tipo. Loucos. Isso mesmo. Exatamente o que ela precisava depois daquele dia.

Deixando de lado os planos de se esconder em seu quarto, Myrna contornou a divisória baixa que separava o bar do saguão. Parou na frente de Brian, que engatinhava com dificuldade, e pôs a pesada pasta no chão para ajudá-lo a se levantar. Assim que tocou o braço do guitarrista, seu coração parou por um instante, disparando logo em seguida.

Magnetismo animal. Brian estava carregado de magnetismo animal. *Olá, sr. Distração Bem-vinda.*

Ele correu os olhos ao longo das pernas e do corpo de Myrna, inclinando a cabeça de leve. Suas feições seriam um deleite para um escultor: mandíbula delineada, queixo pontudo, maçãs do rosto proeminentes. Seria ousadia demais examinar os contornos daquele rosto com os dedos? Com os lábios? Myrna baixou os olhos para as próprias mãos, que seguravam aquele braço musculoso.

“Cuidado com esse braço”, disse ela. “Poucos guitarristas têm sua habilidade.”

Ele apoiou-se para ficar de pé, mas em seguida tropeçou nela. Myrna inspirou seu cheiro profundamente, fechando os olhos com langor. Um desejo primitivo tomou seus sentidos. Teria rosnado em voz alta?

Brian apertou os ombros dela com suas mãos fortes, tentando se firmar. Todas as terminações nervosas do corpo de Myrna ficaram em alerta. Não conseguia se lembrar da última vez que se sentira atraída por um homem tão instantaneamente.

Ele a soltou e se escorou na parede do bar, piscando forte, como se tentasse focar o rosto dela. “Você sabe quem eu sou?”, perguntou, com a voz arrastada.

Myrna sorriu e fez que sim, animada. “Quem não sabe?”

Ele acenou teatralmente ao redor de si, perdendo ainda mais o equilíbrio. “Todos esses nerds engomadinhos.”

Ele rosnou para uma senhora de cabelos grisalhos e cardigã que o encarava boquiaberta. A mulher suspirou em desaprovação e voltou a atenção para seu drinque azul-celeste, sorvendo a bebida por um canudinho vermelho com estudada indiferença.

“Brian, não comece”, disse Sed, o líder da banda.

O olhar de Brian para seu colega foi tão ácido que seria capaz de corroer a pintura da parede. “Qual é o problema? Não comecei nada. Essa gente é que não para de encarar!”

Era verdade. Todo mundo estava encarando. A maioria agora encarava Myrna, provavelmente pensando em como salvá-la do território inimigo.

“Posso sentar com vocês um pouco?”, ela perguntou, torcendo para que, sentada, ficasse menos visível. Ajeitou uma mecha de cabelo que escapara do grampo atrás da orelha e sorriu esperançosa para Brian. Ele coçou a sobrancelha com o indicador, considerando a pergunta. Myrna sabia o que devia estar pensando. Por que uma mulher quadrada usando um terninho ia querer socializar com cinco roqueiros?

Sed deslizou para o lado no sofá e deu uma palmadinha no estofado verde de plástico junto de si. Ela desviou os olhos de Brian para avaliar o líder do grupo. A aparência de bom moço destoava da fama de bad boy mulherengo. Myrna não acompanhava a vida pessoal dos integrantes das bandas que ouvia, mas até ela conhecia a reputação de Sed. Seu sorriso, com covinhas e tudo, era nada menos que perfeito, o que na certa era a razão pela qual o disfarçava com uma carranca. Após uma rápida expressão de indiferença, ele voltou a seu estado original. Aquelas covinhas de menino não encaixavam com sua imagem.

Myrna sentou no sofá ao lado de Sed, enxugando as mãos suadas na saia. *Certo, consegui. O que eu faço agora?*

“Você é uma executiva ou algo assim?” Sed reclinou-se no sofá para examinar sua roupa.

Myrna não se importou com o olhar a analisando uma segunda vez. “Algo assim. Na verdade, sou uma nerd engomadinha. Sou professora universitária e estou participando de uma conferência aqui.”

“Não brinca!” Ela reconheceu Eric Sticks, baterista da banda, do outro lado da mesa. “Se eu soubesse que professoras universitárias podiam ser gostosas, teria pensado em estudar.”

Myrna riu e olhou para Brian, ainda recostado na parede do bar, atrás do ombro direito de Eric. Seu coração pulsou dolorosamente. Meu Deus, como era bonito. “Não quer se sentar, Brian?”

Ela se espremeu junto de Sed, seus joelhos tocando os dele sob a mesa. Brian desabou no sofá ao seu lado, o que significava que estava entre dois dos músicos mais atraentes e talentosos do mundo do rock. Tinha morrido e acordado no paraíso. *Fica calma, Myrna. Se você perder a linha feito uma fã adolescente, vão mandar você embora. E isso é tudo que você não quer agora.*

Brian apoiou a testa na mesa, gemendo, e Myrna precisou se segurar para não fazer carinho nele. Ela o conhecia, mas ele nunca tinha visto mais gorda. Nem menos gorda, para falar a verdade, mas ainda assim...

Ela respirou fundo para organizar os pensamentos desconexos e dirigiu seu olhar para Eric. Podia fitá-lo sem perder o controle, mas não conseguia parar de encarar aquele corte insano de cabelo: meio comprido, com uma faixa central de mechas curtas espetadas e o restante em diversos tamanhos e absolutamente esquisito. Um tufo vermelho da grossura de um dedo se encaracolava junto do pescoço. *Cabelo de astro do rock.* Myrna conteve uma risadinha empolgada.

“E você dá aula de quê?” Eric deu um gole em sua cerveja, os olhos azuis fixos nos dela. Bem, talvez ele tenha dado uma leve conferida em seus seios, mas em geral manteve o olhar acima do pescoço dela.

Myrna hesitou diante da pergunta e baixou os olhos para a mesa. Qualquer chance que tinha de ganhar o respeito deles se extinguiria assim que revelasse sua disciplina. “Tenho mesmo que responder?”

“Claro.”

Ela respirou fundo. “Sexualidade humana.”

Eric engasgou com a cerveja e limpou a boca com as costas da mão. “Não fode.”

“Bem, acho que essa é minha especialidade”, respondeu Myrna, com um sorriso travesso.

Eles riram. Menos Brian. Imóvel, continuava com a cara na mesa. Será que tinha apagado? *Bêbado* não chegava perto de descrever seu estado.

“Tudo bem com ele?”, perguntou Myrna.

“Tudo, ele só é um pouco descontrolado”, respondeu Eric.

“Ele é muito descontrolado”, completou Trey Mills, o guitarrista base da banda, sentado ao lado de Eric.

“Não enche”, murmurou Brian. E então deitou a cabeça para olhar para Myrna, fechando um dos olhos para focalizá-la melhor. Ela sentia uma vontade incontrolável de ajeitar aquele cabelo preto embaraçado, que caía na altura dos ombros, despontando em ângulos estranhos por toda a cabeça. “Como você se chama, professora do sexo?”

Ela sorriu. Talvez estivesse interessado. “Myrna.”

Ele deu um risinho. “Nome de velha.”

Ou não. Torceu para ter disfarçado bem a decepção.

Sed esticou o braço por trás de Myrna e deu um tapa nas costas de Brian por conta da grosseria. O amigo não esboçou qualquer reação. Com certeza não estava sentindo dor.

Myrna deu de ombros. “Ele tem razão. Myrna era o nome da minha tataravó. Ou seja, nome de velha.”

Brian voltou o rosto para a mesa e engoliu várias vezes. “Acho que vou vomitar.”

“Eric, leve nosso amigo aqui ao banheiro”, disse Sed. “A última coisa de que a gente precisa é uma mesa cheia de vômito do Sinclair.”

“Mas quero ficar e conversar com a moça bonita”, reclamou Eric. “Não aguento mais esses caras chatos.” Apesar da reclamação, o baterista se levantou de seu lugar na ponta do sofá e botou Brian de pé.

“Prometo que espero você voltar”, disse Myrna.

“Pegue uma bebida pra ela, Sed. Ou melhor, já que é você que está bancando a noite, pegue logo duas.” Eric passou o braço de Brian ao redor dos ombros e levou o amigo trôpego na direção do banheiro.

Myrna acompanhou os dois com o olhar, admirando a calça jeans preta de Brian e a bunda perfeita por baixo dela.

“Não o leve a mal, Myr. Brian não é sempre assim. É que... bem... ele acabou de terminar um relacionamento”, disse Sed.

Trey revirou os olhos e balançou a cabeça. “É, foi mais ou menos isso.”

“Não sei por que isso sempre acontece com ele.” Jace Seymour, baixista, girou a argola prateada na orelha. Era o único louro da banda... descolorido, a julgar pelas sobrancelhas castanhas e a barba mal feita da mesma cor. Era o mais baixo dos integrantes e tinha um jeito durão, meio James Dean. Provavelmente para disfarçar como era bonitinho. O que não diminuía a vontade de Myrna de apertá-lo.

“É o cara que mais leva pé na bunda que conheço.” Trey era sexy demais. Toda vez que aqueles olhos lânguidos cruzavam com os dela, Myrna sentia um arrepio.

“É porque é um retardado quando o assunto é mulher.” Sed correu a mão pelos curtos cabelos pretos. “Só pega interesseira. Parece que não aprende.”

“Talvez o problema dele seja que sempre aparece *alguém* para estragar tudo”, comentou Trey. “É só uma ideia.”

“Aquela pilantra não valia o tempo dele. Brian era bom demais pra ela”, resmungou Sed.

Myrna fitou cada um dos homens na mesa. Tinha algo mais naquela história. Ou então... “Brian é um romântico incurável, não é?”

Sed cochichou em sua orelha: “Shhh. Não conte pra ninguém”.

Um arrepio correu sua nuca. Ela virou o rosto e ficou cara a cara com o vocalista. Podia distinguir as pontinhas da franja por trás dos óculos espelhados. Pouco à vontade com a ideia de ser encarada por um cara de óculos escuros, resolveu deslizá-los ao longo do nariz de Sed. Achou que seria melhor olhá-lo nos olhos, mas seu azul incisivo fez seu coração disparar. Ele sorriu, sem dúvida ciente do efeito que tinha sobre as mulheres.

Sed ergueu o braço para chamar a garçonete. “Qual é seu veneno, Myrna?”

“Só água.”

“Que tal uma coisa mais forte para se soltar um pouco?” Arqueando uma das sobrancelhas, Sed correu o olhar por seu terninho conservador.

“Não preciso disso. Estou sempre solta.”

“Não é o que parece.” Ele tocou o botão mais alto do blazer de Myrna, que por acaso ficava bem no meio dos seios. O cara era problema com P maiúsculo.

Mantenha. Distância. Do. Vocalista. Gato.

“As aparências enganam”, ela disse, e voltou-se em direção à garçonete, afastando seus joelhos de Sed.

“De alguma forma, acho que no seu caso isso pode ser verdade.” Ele riu e então pediu à garçonete: “Duas águas, por favor”.

“Só uma.”

“A outra é para o Brian.”

Myrna corou. “Ah, sim, claro.”

A garçonete pousou um copo d’água na frente de Myrna, que olhava na direção do banheiro masculino na esperança de que Brian estivesse melhor. Ele não parecia nada bem. E ela preferia e muito se concentrar no guitarrista do que no sr. Garanhão ao lado, que no momento se ocupava em acariciar seu joelho com as costas dos dedos. Quando ele deslizou a mão para baixo da bainha de sua saia, ela arregalou os olhos e afastou-se mais alguns centímetros. Trey parecia um cara mais seguro, esparramado do outro lado da mesa, chupando um pirulito vermelho. Talvez ela devesse mudar de lado. Myrna levou o copo d’água aos lábios.

Sed apertou seu joelho. Ela engasgou e tirou a mão dele de sua perna. Sem se dissuadir, o músico se aproximou de novo. Não devia estar habituado a ser rejeitado.

“Quer dar uma passada lá em cima comigo?”, sussurrou ele ao pé do ouvido de Myrna, o nariz roçando em seu pescoço.

“Hum...”